

A CIDADE E A PALAVRA: CONSIDERAÇÕES SOBRE SETE CONTRA TEBAS

Beatriz de Paoli*

RESUMO: Nos versos iniciais da tragédia Sete contra Tebas, Etéocles reconhece a necessidade de pronunciar palavras adequadas como um de seus deveres enquanto dirigente e defensor da cidade de Tebas. A preocupação de Etéocles com o que deve ou não ser dito frente à iminência do ataque inimigo advém de uma percepção da linguagem como uma forma divina do mundo, o que fundamenta a crença entre os gregos de que palavra possui um nume que nela reside e que faz com que ela se cumpra, sendo, desse modo, profética. O objetivo desta comunicação é, portanto, refletir sobre a contribuição da palavra para a defesa da cidade nos Sete contra Tebas, de Ésquilo.

PALAVRAS-CHAVE: Ésquilo, Sete contra Tebas, adivinhação, cledomancia.

THE CITY AND THE WORD: CONSIDERATIONS ON SEVEN AGAINST THEBES

ABSTRACT: In the initial verses of Seven against Thebes, Eteocles recognizes the need of pronounce the right words as one of his duties as leader and defender of the city of Thebes. The concerns of Eteocles for what ought, or ought not, be said towards an imminent attack comes from a perception of language as a divine form of the world which base itself on the belief among the Greeks that words have a numen in itself and leads, thus, to a prophetic fulfillment. The aim of this paper is, therefore, reveal the contribution of the word to the defense of the city in Seven against Thebes, by Aeschylus.

KEYWORDS: Aeschylus, Seven against Thebes, divination, cledomancy.

* Doutoranda em Letras
Clássicas pela FFLCH/USP.
Bolsista CAPES.

Nos *Sete contra Tebas*, a importância da palavra falada, de um modo geral, está presente em toda a tragédia. Seja em forma de palavras sinistramente pressagas, de maldição, de oráculo, de juramento, de insultos, de ameaças ou de bravatas, seja em forma de emblemas ou de inscrições em escudos, a dimensão profética da palavra está abundantemente presente nos *Sete* e desempenha um papel fundamental na defesa da cidade.

Etéocles, no verso inicial da tragédia, reconhece a necessidade de *légein tà kairia* como seu dever enquanto dirigente e defensor da cidade de Tebas. De um ponto de vista profano, dizer o que é adequado, em situação tão premente, é convocar os cidadãos à guerra, incitar-lhes o ardor bélico e dar instruções para que se posicionem para a batalha, mas, de um ponto de vista religioso, dizer o que é adequado é proferir palavras de bom augúrio e evitar a todo custo as de sentido ominoso.

A consciência de Etéocles do que deve ou não ser dito em tal situação advém de uma percepção da linguagem como um aspecto fundamental do mundo, uma forma divina do mundo. É essa concepção de linguagem que fundamenta a crença de que a palavra possui um

nume que nela reside e que faz com que ela se cumpra, sendo, desse modo, profética. A irrevogabilidade da maldição, a solenidade do juramento e a gravidade do perjúrio, o temor à impreciação pública, o uso de eufemismos e de antífrases são conseqüências dessa relação do homem grego com a linguagem.

Por isso, quando, no verso 5, Etéocles fala sobre a possibilidade de serem malsucedidos na batalha, rapidamente ele procura neutralizar o que disse pronunciando em seguida uma fórmula verbal apotropaica: *hò mè génoito*.

Apesar de todo o cuidado de Etéocles, no Prólogo, em dizer o que é adequado, o Coro de mulheres tebanas irrompe em cena aterrorizado, descrevendo, em seu canto, a alarmante proximidade do exército argivo, cujo estrépito chega a seus ouvidos, e as piores desgraças que podem advir dessa iminente guerra: a morte, o saque, a escravidão.

Por tal atitude do Coro, Etéocles, no Primeiro Episódio, repreende-o severamente. Essa dura repreensão de Etéocles é duplamente motivada: de um ponto de vista profano, tais demonstrações de terror por parte do Coro representam um perigo para a cidade à medida que podem provocar desordem e espalhar o pânico, enfraquecendo, assim, o ânimo dos guerreiros; de um ponto de vista religioso, o perigo que elas representam está no fato de, em sua algazarra, pronunciarem palavras ominosas, profetizando, assim, um destino adverso à cidade.

Igualmente, a significativa insistência de Etéocles para que o Coro fique em silêncio (v. 232, 250, 252, 262) tem a mesma dupla finalidade: não espalhar terror e desordem e, principalmente, não engendrar uma sorte funesta ao proferir, descuidadamente, palavras de mau agouro.

A mesma preocupação com o poder profético das palavras está presente quando Etéocles repreende as mulheres tebanas por suas súplicas aos deuses. Nessa atitude de Etéocles foi visto, muitas vezes, um desprezo às divindades. O próprio Etéocles, no entanto, declara não se opor à honra aos numes (v. 236); ou seja,

não se trata de coibir uma prática piedosa. O verdadeiro motivo da repreensão do filho de Édipo às súplicas das mulheres tebanas diz respeito à linguagem em que elas formulam suas preces. Por esse motivo, Etéocles diz, no verso 223: “Quando clamas aos deuses, por favor, não cometas loucuras”.

O momento da súplica ao pé das estátuas, assim como o do sacrifício e o da consulta a oráculos, é um momento solene, em que palavras ominosas devem ser evitadas. Ora, o que o Coro de mulheres tebanas faz é exatamente o oposto.

Não conseguindo convencê-las a manterem-se caladas, Etéocles, no verso 266, lhes aconselha, então, a reformular suas súplicas: “Pede coisa melhor, a aliança dos supremos”. Em vez de pedir aos deuses que livrem a cidade da destruição, uma súplica que sugere de forma explícita essa destruição, Etéocles lhes aconselha a pedir aos deuses que sejam seus aliados, uma súplica isenta de palavras ominosas, de forma a não precipitar, assim, o cumprimento de um destino funesto à cidade.

Na cena central dos Sete contra Tebas, comumente denominada de “cena dos escudos”, a crença no caráter numinoso e no poder profético da palavra está presente sob a forma de uma prática divinatória denominada cledomancia.

Kledón é uma palavra pronunciada cuja duplicidade de sentido constitui um sinal divino para quem a ouve. Na palavra cledomântica, ou palavra-presságio, convergem um sentido ordinário, que exprime o ponto de vista humano de quem a pronuncia, e um sentido numinoso, o qual se constitui, para quem a ouve, em um presságio. Assim, quando, por exemplo, no livro XVIII da *Odisséia*, os pretendentes, ignorando que se dirigiam a Odisseu, disseram-lhe “Que Zeus, ó forasteiro, e os demais deuses imortais te concedam o que mais desejas e mais caro é a teu coração”, Odisseu percebeu nessas palavras um sentido numinoso, o qual lhe prenunciava a realização de seu maior desejo: a morte dos pretendentes.

Em casos como o dessa passagem da *Odisséia*, o presságio contido no *kledón* realiza-se

por si mesmo. Existem casos, no entanto, em que o presságio se realiza ao ser aceito, mas aceito de modo a, mediante uma interpretação em que se recontextualiza a palavra, ser favorável para quem o aceita.

A percepção da palavra-presságio e sua aceitação constituem um fator importante na defesa da cidade de Tebas. Nessa cena, as bravatas dos argivos, assim como os emblemas e as inscrições sobre os escudos, são percebidas por Etéocles como *klédones*, os quais ele aceita, resignificando-os, de modo a profetizarem a vitória de Tebas e a derrota dos inimigos.

O primeiro atacante, Tideu, possui em seu escudo um emblema que é assim descrito pelo Mensageiro:

*"(...) Traz
no escudo emblema altaneiro, estende-se
o céu, marchetado de estrelas, luminoso
fulge no centro da égide o fulgor do plenilúnio.
Entre os astros esplende a lua, olho da noite."
(v. 387-90)*

Etéocles responde dizendo que a noite figurada no escudo de Tideu, com seus astros e estrelas resplandecentes, é profética. Trata-se de um *kledón*. Ele percebe o sentido numinoso contido nesse emblema, aceita-o como um bom presságio e o interpreta: o "olho da noite" (*nuktòs ofthalmòs*, v. 390), epíteto da lua, pressagia a morte de Tideu, em quem há de cair "a noite sobre olhos" (*nùks ep' ofthalmòis*, v. 403). Por isso Etéocles acredita que a noite, com justiça, mostrar-se-á fiel a seu nome (*epónimon*, v. 405), isto é, fará cumprir seu sentido numinoso: a privação de ser; no caso, a morte de Tideu.

O segundo atacante, Capaneu, ostenta em seu escudo o seguinte emblema:

*"um herói despido com uma tocha. Assim armado,
agita o fogo com as mãos. Vê-se um dístico em
letras de ouro: arrasarei a cidade." (v. 432-4)*

Etéocles percebe na palavra *pirfóros* (v. 432) um *kledón*. Do ponto de vista da descrição do

Mensageiro, *pirfóros* é o homem armado representado no emblema, mas, por perceber um sentido numinoso nessa palavra, Etéocles profetiza que *pirfóros* será o raio – esse raio de Zeus que Capaneu desdenha – que cairá sobre ele: "Espero que caia sobre a cabeça dele um luciferino raio (...)" (v. 444-5). É esse sentido numinoso que Etéocles aceita como um presságio da morte do inimigo.

O emblema no escudo do terceiro atacante, Eteoclo, é assim descrito:

*"(...) um soldado, um hoplita,
escala a muralha para tomar uma torre.
Uma inscrição soletra-lhe o grito:
Nem Ares me derrubará da torre."
(v. 465-9)*

O desafio a Ares escrito no escudo de Eteoclo é percebido por Etéocles como um *kledón*. O sentido numinoso apreendido por Etéocles não se explica, no texto, por nenhum jogo de palavras, mas pela escolha do tebano que irá fazer frente a Eteoclo. Megareu é "da raça dos guerreiros semeados" (v. 474), ou seja, daqueles guerreiros que surgiram armados da terra quando Cadmo semeou os dentes do dragão. Assim, o que a inscrição no escudo do argivo pressagia é que Eteoclo será morto por um descendente ou um protegido de Ares, o deus ao qual ele, em sua insolência, desafia. Esse é o sentido numinoso que Etéocles aceita como um presságio favorável aos tebanos.

No escudo do quarto atacante, Hipomedonte, vê-se o seguinte emblema:

*"(...) Tifão, que expele fogo pela boca,
jato envolto em fumo negro, irmão das
chamas inquietas. Serpentes enredadas
curvam-se na borda do côncavo escudo."
(v. 493-6)*

Contra Hipomedonte, Etéocles envia Hipérbio, cujo escudo tem por emblema a imagem de Zeus. Os dois emblemas dos contendentes evocam a luta entre Zeus e Tifeu, da qual Zeus

saiu vitorioso, pois “nunca jamais alguém viu Zeus vencido” (v. 514). Etéocles, então, aceita o *kledón* contido no próprio nome de Zeus Salvador, de modo que Hipérbio obtenha em seu confronto com Hipomedonte o mesmo resultado obtido por Zeus em seu embate com Tifeu.

O escudo do quinto atacante, Partenopeu, é assim descrito pelo Mensageiro:

*“Injúria a cidade com seu escudo metálico
a envolver-lhe protetor o corpo inteiro.
Intimida com o vulto luzidio de uma esfinge
carniceira.
Pregos prendem-na no bronze,
levando, preso nas garras, um cadmeu
para que chovam sobre ele nossos dardos.”
(v. 539-44)*

Como o Mensageiro deixa claro, a Esfinge no escudo de Partenopeu é um insulto à cidade de Tebas, já que, além de evocar o drama vivido pelos tebanos quando a “carniceira” (v. 541) propunha seus enigmas, pretende que os cidadãos serão novamente devorados, dessa vez pela Esfinge do escudo de Partenopeu. Além disso, a figura do cadmeu está posicionada de modo a receber a maior parte dos dardos, obrigando, desse modo, os tebanos a atingir um concidadão, aquele representado no escudo. Etéocles, então, aceita o *kledón*, de modo a pressagiar a ruína de Partenopeu: a Esfinge é que receberá os dardos e, como paga por tal tratamento, voltar-se-á contra Partenopeu.

O sexto atacante, o adivinho Anfiarau, é um caso especial, já que não profere ameaças contra os deuses e contra a cidade nem ostenta símbolo algum em seu escudo.

Não há, portanto, para Etéocles, nenhum *kledón* a ser interpretado, nenhum presságio a ser aceito. Enquanto os demais atacantes profetizaram, sem o saber, sua própria morte, Anfiarau, enquanto adivinho, fá-lo conscientemente: “Eu, um vidente, enriquecerei esta terra, sepulto em território inimigo” (v. 587-8).

O sétimo atacante, Polinices, ostenta o seguinte emblema:

*“Exibe um homem talhado em ouro, armado,
conduzido por uma mulher serena.
Ela se apresenta como a própria justiça, a crer
no que diz a legenda: Restaurarei este homem,
ele recuperará a cidade e o palácio de seus pais.”
(v. 642-8)*

Diferentemente do que vinha fazendo até então, Etéocles não percebe, não interpreta nem aceita o *kledón* no emblema do escudo de seu irmão. Etéocles poderia, como conjectura Cameron (1970, p. 108), ressignificar o verbo *katágo*, em cuja ambigüidade reside um *kledón*. A Justiça representada no escudo diz *katákso d' ándra tónde* (v. 647). Além de significar “trazer de volta do exílio”, *katágo* também significa “conduzir ao Hades”. Assim, a Justiça seria *epónimos* se conduzisse Polinices ao Hades. No entanto, ao invés de aceitar o presságio, ressignificando-o, de modo a ser desfavorável a Polinices, ele o renega: “Justiça seria um nome justamente falsíssimo se atribuído a uma entidade que amparasse um homem capaz de tudo” (v. 670-1). Ao invés de considerar a Justiça figurada no emblema *epónimos*, ele a considera *pseudónimos* (v. 670).

Como se pode, portanto, perceber na análise desses sete pares de discursos, ao interpretar e ressignificar os presságios percebidos nas palavras, nas inscrições e nos emblemas dos escudos dos argivos, Etéocles contribui para a defesa da cidade, pois, como defensor da cidade-estado, é seu dever não somente dirigir a nau com pulso firme, mas também proferir, da proa estatal, palavras adequadas à situação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OBRAS CONSULTADAS

AESCHYLUS. *Suppliant Maidens. Persians. Prometheus. Seven against Thebes*. Translation by Herbert Weir Smyth. Cambridge: Harvard University Press.

BOUCHÉ-LECLERCQ, A. *Histoire de la Divination dans l'Antiquité*. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 2003.

CAMERON, H. D. “The Power of the Words in the Seven against Thebes”. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, 101, 1970, p. 95-118.

ÉSQUILO. *Os Sete contra Tebas*. Tradução do grego e prefácio de Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2003.

HALLIDAY, W. R. *Greek Divination. A Study of its Methods and Principles*. Kessinger Publishing, 2003.

TORRANCE, I. *Aeschylus: Seven against Thebes*. London: Duckworth Companions, 2007.

VERNANT, J. P. & VIDAL-NAQUET, P. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

VICAIRE, P. "Pressentiments, présages, prophéties dans le théâtre d'Eschyle". *Revue des Études Grecques*, 76, 1963, p. 338-57.

Recebido em Outubro de 2008.

Aprovado em Novembro de 2009.

